



## FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA COMO REFLEXO DE SUA FORMAÇÃO

Marcos Antônio dos Santos Alves - Graduando em Geografia-UEPB  
[marcos-santos44@hotmail.com](mailto:marcos-santos44@hotmail.com)

Maria José Guerra – Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> –DE/UEPB  
[guerra\\_1000@outlook.com](mailto:guerra_1000@outlook.com)

### RESUMO

Esta comunicação objetiva discutir sobre a formação do professor de Geografia e a sua atuação, a partir da sua experiência no âmbito do contexto de sala de aula. O estudo dessa temática está inserido no cotidiano de toda sociedade, em especial, dos professores, pais e alunos, visto que, o modo com o qual formamos o sujeito aprendente seja de forma mecânica ou crítica, traz repercussão no modelo de vida do cidadão de amanhã. Daí que a problematização desse estudo surgiu com as seguintes preocupações: Qual a diferença entre a formação tradicional e transformadora do professor de Geografia? Será que a prática da formação continuada que o professor de Geografia possui contribui ou não, para sair da ação educativa tradicional e assumir as necessidades da sociedade contemporânea? E de que maneira é a atuação em sala de aula de quem não teve nenhuma formação continuada? E, finalmente, como deve ser o perfil do professor de Geografia necessário para os dias atuais? Este estudo adota a pesquisa de campo, de natureza qualitativa com a aplicação de questionário composto por questões abertas e fechadas acerca da formação e atuação dos 9 professores entrevistados, no intuito de encontrar respostas para essas indagações. O aporte teórico que discute essas questões se apoia no documento oficial Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (1998) e, nas pesquisas de Azanha (2006) e Callai (2003), entre outros. Os resultados apontam como conclusão que, apesar das transformações ainda, existe no Brasil a presença de uma Geografia tradicional, que não é muito valorizada se comparada com a Geografia contemporânea, que exige a criticidade do professor e do aluno e busca incessantemente, uma transformação que é aceita pelos sujeitos da ação educativa e atenda as necessidades do mundo moderno.

**Palavras chave:** Professor de Geografia. Formação. Sociedade.

### 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é cada vez mais frequente ouvirmos falar por meio de diversos noticiários sobre a figura do professor, tanto no que diz respeito a sua formação como a sua prática de ensino. Observamos professores espancando os seus alunos, a evasão destes das escolas, que não possuem o domínio da sua disciplina, que não desperta a criticidade no seu alunado e que trazem ainda uma divisão do ensino



teórico do prático. Sendo assim, na idéia de encontrar as respostas para essas diversas situações que envolvem o cotidiano de todos, tanto dos alunos, pais e professores no cenário brasileiro, em particular, o de Geografia que é o que visa esta comunicação. Portanto, queremos aqui explicitar mais adiante um perfil do professor de Geografia, discutindo sobre a prática educacional deste, com base na sua formação.

## 2 METODOLOGIA

Na pesquisa qualitativa Lüdke e André (2003, p. 12): *O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.* Nesse estudo, refere-se à formação e atuação do professor de Geografia com base no que diz os 9 Professores (**P1, P2, P3...**) pesquisados, cujos resultados foram coletados e transcritos fielmente, na tentativa de obter informações inéditas de questões, que foram ganhando uma explicação teórica, a medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, durante o I Semestre de 2014, no município de Arara/PB, Brasil. Convém ressaltar, que neste texto, tem-se apenas “uma amostra” de 3 professores para a dimensão que assume este artigo.

## 3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A PERSPECTIVA DESTA PARA O SÉCULO XXI

### 3.1 Formação tradicional e contemporânea do professor de Geografia

Quando falamos na palavra professor, a primeira coisa que nos remete a pensar é que este é um ser sábio que domina a sua disciplina, forma pessoas, que desperta a criticidade no aluno, avaliando este de diversas formas, não limitando apenas a tão falada “prova” e associa o conhecimento teórico com o prático. *Mas será que essa é a atitude tomada nas salas de aulas pelos nossos professores?* Não, na verdade nem todos principalmente, quando se fala em professor de Geografia, que alguns costumam até a dizer, que é uma disciplina chata.

Na verdade, não é a disciplina de Geografia que é chata ou o professor, a resposta disso deve está na existência de três **tipos ou perfis** principais de professores, aqui no Brasil, equivale ao professor que teve uma *formação tradicional*, voltada em especial ao pesquisador/técnico transmissor de conteúdos; o que teve uma



*formação transformadora*, voltada a ser um geógrafo educador com formação continuada e pesquisador; e no terceiro tipo o *geógrafo* que obteve uma formação transformadora e, até certo ponto, é um educador, mas não quer dar continuidade a sua formação ou não teve a oportunidade.

Este primeiro tipo surge no final da década de 70, junto com os demais cursos de licenciaturas, com um currículo totalmente estanque no que diz respeito á prática professoral, se comparado com as necessidades atuais. Segundo Callai (2003, p. 32), as universidades públicas dessa época tinham uma: “[...] *preocupação com a formação do geógrafo [...] mais ligadas á formação de um pesquisador, do técnico, do que do professor.*”

A diferenciação dessa formação poderia ser vista até mesmo na sua estrutura curricular, assim como também nas metodologias das salas de aula. Nesse tipo de formação, que ainda prevalece nos dias de hoje, é bastante grande as dificuldades de se encarar o desenrolar de uma sala de aula, visto que não foram capacitados para isto, pois não se incluía no currículo de sua formação, componentes voltados à prática pedagógica, dificultando assim o ensinar.

O segundo tipo de professor que se adéqua aos poucos, nos currículos contemporâneos, estando presente principalmente nas universidades mais recentes, a formação do professor é mais dinâmica por se criar uma ideia de que ele deve ter uma formação continuada, utilizar novas metodologias e formas de avaliação, além de ser crítico, estimulando assim também os seus discentes. É o que defende Brasil (1998, p.8), afirmando que o professor tem que desenvolver no aluno a capacidade de: “[...] *questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.*”

Segundo Callai (2003, p.38), esses novos cursos de licenciatura, como, por exemplo, o de Geografia, tem que: “[...] *permitir aos licenciados que exercitem uma prática de sala de aula que não seja a mera repetição de conteúdos transmitidos a cada semestre, mas com uma linha metodológica que articule o ensino a pesquisa.*”

Esta nova formação que começou a se desenvolver mais recentemente, procura tornar do geógrafo não apenas um pesquisador como visto anteriormente, mais também, um educador com uma formação continuada, para que não se encontre “perdido no tempo” em relação ao papel de sua profissão e prática.



É importante destacar que mesmo os geógrafos não sendo dessa época, e sim de uma formação tradicional, têm que dar continuidade a sua formação, pois é dessa forma garantimos uma educação concreta. Visto que, seguindo esse tipo de formação, fica mais fácil para o professor tradicional se adequar as necessidades básicas da sociedade atual, ao contrário de quem não participa desse processo, seja porque não teve a oportunidade ou por falta de interesse, como revela o **P1** entrevistado, ao afirmar que para ele: “[...] *ainda não surgiu à oportunidade.*” E por último, o professor que teve uma formação transformadora também recentemente, que é educador e, por opção própria decide se tornar uma pessoa estanque na sua formação inicial. Como revela o **P3** entrevistado, afirmando que: “[...] *tá bom por demais a minha formação, não desejo me aprofundar ainda mais nessa área.*”

Diante do exposto, podemos dizer que a realidade em que se encontra esse último tipo de professor, nos conduz a pensar na existência de duas concepções, “uma positiva” e “outra negativa”. Positiva, por ser transformadora a sua formação, tendo ciência de sua criticidade e que deve dar continuidade aos seus estudos. Por outro lado, negativa, por correr o risco de se tornar futuramente um profissional preso no tempo, sem estar no ritmo dos fatos que correm num mundo globalizado.

### 3.2 O professor de Geografia que queremos para o século XXI

Até agora tivemos a oportunidade de compreender a existência de três tipos de professores no Brasil, com formação, pensamentos e ações diferenciadas. Isso implica dizer, que nem todos os professores estão preparados para atender as necessidades de toda a população. Alguns trabalham com métodos e formas de avaliação e ensino totalmente arcaicos, que distanciam às vezes do conhecimento teórico dado do real, ao contrário de outros.

Portanto, o que se espera do professor de Geografia na atualidade é que ele seja um pesquisador e continuador dos seus estudos, saiba “cuidar da aprendizagem” Demo (2007, p. 15), sempre conhecendo coisas novas, como revela o **P2** entrevistado: “*A formação continuada é essencial para vinculação do profissional as novas diretrizes da formação acadêmica.*” Além disso, espera-se também do mesmo que seja crítico, não sendo um mero reproduzidor das informações presentes num livro didático; que saiba lidar com diversas situações que são vivenciadas no ambiente escolar; que ao invés de encontrar problemas, seja um solucionador destes; que



saiba utilizar a tecnologia a favor do aprendizado, sem contar também dos melhores métodos de ensino e avaliação para cada ambiente.

A este respeito, nos lembra de Azanha (2006, p. 57) em que a: “[...] *adequada formação do professor não pode ser imaginada como simples e direta aplicação à situação de ensino de um saber teórico.*” Ou seja, deve-se ter uma atenção maior a formação do professor por trabalhar com a sociedade, principalmente, no que diz respeito a sua criticidade e preparação profissional.

#### **4- CONCLUSÃO**

No percurso das análises deste estudo, destaca-se, não apenas 3 (três) tipos de perfis do professor mas, especialmente, a compreensão da abrangência em relação à qualidade do ensino de Geografia no Brasil, que na verdade tem avançado, mais ainda tem muito que melhorar, porque são enormes os desafios enfrentados quando o assunto é formação e ensino aprendizagem. De um lado, temos os resquícios de uma formação e prática do ensino de Geografia limitado, memorizável e sem associação dos conhecimentos teóricos com a realidade, resultado de uma formação tradicional e da ausência da sua continuidade e, do outro lado, uma Geografia nova dentro das necessidades contemporâneas, que vem estimulando grande parte dos geógrafos tradicionais a dar continuidade a sua formação, além de dar um tom de criticidade ao professor, despertando a utilizar novas práticas de ensino, avaliações e metodologias que venham a atender satisfatoriamente, por grande parte da população.

#### **REFERÊNCIAS**

- AZANHA, José Mário Pires. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. p. 233. Bibliografia: ISBN 85-7359-485-3.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2003, p. 80. (Coleção livros de bolsa). Bibliografia: ISBN 85.7429.067.X.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 156.
- DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do Conhecimento**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6.ed. São Paulo: Vozes, 2003.